

Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón em ligação vídeo a partir de Milão, 20 de janeiro de 2021

Texto de referência: L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, Gerar Rasto na história do mundo, Paulus, Lisboa 2019; capítulo 2, ponto 8 com o título “A forma concreta da eleição é o templo no tempo” Pags. 105 a 116

- *Leaning on the Everlasting Arms*
- *Canzone del melograno*

Gloria

Boa noite a todos! Continuamos o nosso percurso. Gostava de partir de uma das muitas reações que as últimas Escolas de Comunidade, especialmente a última, fizeram surgir.

Têm sido dias um bocado difíceis em vários âmbitos: trabalho, casa, amizades. Parece que nada fala e tudo o que vejo parece-me uma montanha intransponível, impossível de escalar. Eu lia a Escola de comunidade, provocada também por quem à minha volta continuava a dizer-me que era muito bonita. Eu, pelo contrário, lia e lia e não percebia nada; ou melhor, pareciam-me palavras muito bonitas, mas que não tinham nada a ver com minha vida agora. É verdade que havia aspetos da minha vida passada (por exemplo, como conheci o movimento, etc.), mas no presente não via nada, acima de tudo nem sequer me fazia nascer uma pergunta. Li assim outra vez a última Escola de comunidade, a de 16/12, quando tu, respondendo a uma intervenção, disseste que nós podemos ler uma coisa, mas depois verificamos outra; por isso não verificamos a fé ou Cristo, mas sim as nossas tentativas. Este trecho fez-me sobressaltar, porque percebi que era exatamente o que eu estava a fazer ao ler as páginas da Escola de comunidade. De facto, nada falava e então perguntei-me: “Mas eu como é que estou a olhar para tudo? Só pelos limites que vejo ou pela promessa que existe?” Isto já me parecia um começo, mas preciso de uma ajuda, porque percebi que o Mistério está a fazer com que eu me dê conta de coisas que eu antes não via e de que os outros se calhar também não se apercebem. O grande risco é pensar que, para mim, aqui, agora, não há mais nada a descobrir, mas só de pensar isto tremo com a falsidade desta frase. Como é que posso conservar todas estas coisas que me doem sem que se tornem uma medida no olhar para o outro e para a realidade, mas possibilidade de um caminho de verdadeira amizade? Obrigada.

Quis partir da tua intervenção porque pode ser útil para descobrirmos, a partir da experiência, o que diz a Escola de Comunidade de hoje. Mesmo nós, que fomos escolhidos, que vivemos numa morada, numa casa, podemos ficar à mercê de nós mesmos e deixar de perceber. Tu disseste: "palavras muito bonitas, mas que não tinham nada a ver com minha vida agora". Porque muitas vezes, como dissemos na Escola de Comunidade, podemos ler uma coisa, mas depois verificar outra. Por isso, sentiste a necessidade de uma ajuda. De que é que precisamos? Precisamos, como vemos, de um lugar como este, onde podemos voltar sem nos escandalizarmos com nada, irredutível às nossas reduções, às nossas interpretações. Isto comove-me constantemente, porque é a confirmação do método de Deus. Cada um pode perceber na própria pele como se desvia do que lê na Escola de Comunidade. E como responde Cristo, segundo o Seu desígnio, à dificuldade que tu apontaste e na qual todos podemos rever-nos, de uma forma ou de outra? A Escola de Comunidade de hoje começa assim: “O eu novo nasce do gesto de eleição de Cristo que o insere na companhia humana gerada pelo seu Espírito, na Igreja”. Esta eleição assume sempre uma forma histórica concreta.” (p.105). Para responder às tuas perguntas - como conservar todas estas coisas? Como ser ajudado? Como encontrar sempre uma mão que te ajuda? - Cristo coloca-te num lugar, numa companhia gerada pelo Seu Espírito. Então, com que finalidade nos insere Cristo neste lugar?

Ao estudar a Escola de Comunidade, deparei-me com um texto denso e exigente. Tive de lê-lo várias vezes e posso dizer que estou apenas à superfície, à beira daquilo que Giussani nos quer dizer. Das relações e dinâmicas que vão surgindo, parece-me um percurso, um caminho, um aprofundar contínuo. No que me diz respeito, o problema não é intelectual, mas sim de experiência. Não percebo, não compreendo, por que razão não vivo ainda naquele nível de profundidade que Giussani nos descreve. Nasce muitas perguntas. Como é que ele pode dizer aquilo que diz? Quem é que não o deseja? Quem não desejaria amar assim, olhar para a cruz como um gargalo tremendo, mas que conduz à virgindade? Tudo profundamente desejável, mas ainda longínquo para mim. Então, que caminho me sugere Giussani? Julgo ter percebido que tudo parte dum Acontecimento, do acontecer, e que “o perfume da pertença” nasce da permanência na “ligação essencial” (p.111). Peço-te uma ajuda para perceber melhor estas coisas, porque eu desejo vivê-las e gostaria de saber como lá chegar! O que é que me falta?

Como veem, se se lê o texto a partir da experiência que temos, ele começa a falar e torna-se menos exigente: "O mistério de Deus, que de outra forma teria sido [...] muito distante, abstrato" (p. 107), escolheu tornar-se próximo de uma forma que nos permitisse compreender melhor e mais facilmente o que ele nos quer dizer, ou seja, fazendo tornar-se experiência o que às vezes sentimos distante. Na verdade, como disseste muito bem, não é um problema intelectual, mas de experiência. Uma explicação não pode substituir a experiência. Então, com esta pergunta, voltemos a olhar juntos para o texto da Escola de Comunidade: «Cristo toma o homem no Batismo, fá-lo crescer, tornar-se adulto e, através de um encontro, fá-lo experimentar a proximidade de uma realidade humana diferente, correspondente, persuasiva, educativa, criativa, que de alguma forma o impressiona.” (p. 106). Para compreender o significado destas palavras, é necessário voltar ao conteúdo dos pontos anteriores, onde Giussani nos dizia que podemos sentir como estranho até o Batismo, o facto mais decisivo da nossa vida: «Na hierarquia da estima e dos interesses que rege a nossa vida, nada é mais estranho do que o Batismo. E, no entanto, nada é mais radicalmente decisivo” (p. 73). E acrescentou que pode ser "sepultado debaixo de uma espessa camada de terra ou num túmulo de esquecimento" (p.74). Portanto, podemos esquecer e sentir-nos alheios ao que é radicalmente mais decisivo para a nossa existência. Como responde Deus à necessidade de que se torne nosso o que vemos ainda como distante? “Através de um encontro, fá-lo experimentar a proximidade de uma realidade humana diferente” (p. 106). Um encontro torna possível o que tu desejas que se torne realidade; um encontro que nos insere numa companhia, mas não numa companhia qualquer, e sim naquela “companhia humana gerada pelo Seu Espírito, na Igreja”. Só ela desperta uma memória e torna mais fácil reconhecermos Cristo. *Don Giussani* liga esta observação ao ponto sobre o qual começaremos a trabalhar da próxima vez: “a Igreja torna[-se] casa viva, calorosa, cheia de luz e de palavra, de afeto, de explicação, de resposta, nos Movimentos” (p.118), nos carismas. Que graça recebemos! Não posso passar um dia sem me sentir inundado de gratidão por esta eleição para participar na experiência do carisma. Não era obrigatório que me acontecesse. Por isso estou tão agradecido!

Leio como o descobriu uma amiga nossa, que não podia ligar-se hoje à noite:

“Querida agradecer-te estes meses de Escola de Comunidade e como neste último ano difícil nunca desististe de nos desafiar a ver o bem que esta situação podia trazer para as nossas vidas. Eu trabalho numa pequena loja de uma empresa agrícola, e desde o início da pandemia, como tantas outras lojas que vendem alimentos, o nosso trabalho tem sido avassalador, revolucionando um pouco os nossos dias. É um desafio que aceitei com grande entusiasmo, mas que não me poupou ao drama de uma vida que pode ser vazia, ainda que cheia de coisas para fazer. Nos últimos meses encontrei imensas pessoas que, presas em casa, passavam pela loja, talvez apenas para apanhar um pouco de ar ou dar um passeio. Quanta solidão vejo continuamente por aí! Mesmo eu, embora submergida por um trabalho que adoro, muitas vezes, nos últimos meses, experimentei esse vazio que vejo no rosto das pessoas e sobre o qual tanto falaste. Há qualquer coisa que falta e que volta sempre, mesmo depois de um dia cheio, e que tem mais peso do que tudo o resto, que muitas vezes me oprime e me mergulha numa grande tristeza. Mas que sorte, que graça ter encontrado o movimento! Aqui está o apoio, o

ponto a que me agarro e que me faz recomeçar de novo: o trabalho da Escola de Comunidade tem-me feito muita companhia, juntamente com a vida do Movimento, esta companhia pela qual nunca estive tão agradecida. Não posso desejar mais nada; quem mais leva a minha vida tão a sério? Ter a oportunidade de encontrar Cristo todas as manhãs é a única semente que pode fazer o meu coração voltar a florescer, o que preenche aquela falta e me permite enfrentar os maiores dramas da vida. Não encontrei nenhum outro lugar no mundo que me lembre constantemente isto; ter encontrado o Movimento é o maior dom que podia receber».

Este é o dom que recebemos para fazer o caminho de que falávamos há pouco. Porquê? Porque, como disseste, "não encontrei outro lugar no mundo que me lembre constantemente isto", ou seja, que te incentive a deixar entrar Cristo como o único que consegue fazer o teu coração voltar a florescer. Então, de que tipo de companhia precisamos?

Parto de algumas frases do ponto 8 para te fazer uma pergunta que, ultimamente, sinto como urgente. "Um Outro fez-nos encontrar aquilo que é decisivo para nos introduzir no relacionamento certo e definitivo com o nosso Destino. E a forma deste encontro é a de uma companhia concreta, datável come início o e come desenvolvimento. (...) Esta companhia, fixada para nós pelo Espírito de Cristo tem uma estrutura, um esqueleto, um parâmetro constitutivo concreto." (p.108). Nos últimos meses, devido a tudo o que está a acontecer, a companhia tal como sempre a vivi está a tornar-se cada vez mais rarefeita. Faltam pontos de referência, as ocasiões de relação reduzem-se a curtos momentos em que também é difícil ir ao fundo das questões, insinua-se também algum contentar-se que mortifica o entusiasmo ligado a algumas iniciativas do Movimento. Por outro lado, sinto com mais força a companhia do Mistério, de Cristo, que muitas vezes me parece mais real do que no passado. Surpreende-me como a sua Presença é uma companhia formidável, não psicológica, não só espiritual ou ética, mas principalmente como uma relação que me faz sentir bem e saborear esta realidade que, como estamos a ver, é complicada para todos. Desta experiência nasce uma pergunta. É possível viver Cristo em plenitude mesmo sem esta estrutura, sem estes parâmetros constitutivos concretos? A pergunta permanece, e a Escola de Comunidade fez com que viesse ao de cima de forma ainda mais nítida.

Na tua opinião, nestes meses poderias ter descoberto em ti esta poderosa presença de Cristo sem a ligação a esta estrutura?

Seguramente, não!

Perfeito. Mas, como vês, podes viver a companhia fixada pelo Espírito de Cristo - como diz a Escola de Comunidade -, uma companhia com esta estrutura concreta, mas sem perceber a Sua presença, como te acontecia no passado. Portanto, Deus usou esta circunstância para te fazer descobrir a Sua presença ainda mais conscientemente. E tu foste capaz de a descobrir precisamente por causa da ligação que tinhas com aquela estrutura. Para tanta gente, como vimos na capa do Times, 2020 foi um ano para apagar, ponto final! Tu, pelo contrário, precisamente neste ano, crescestes na consciência de Sua presença. Esta é a razão pela qual Cristo nos introduziu nesta companhia cristã viva, porque ela nos chama a atenção continuamente como nenhum outro lugar consegue.

Mas de que chamada de atenção precisamos?

Impressionou-me este mês ver-me em ação. Em casa, algumas dificuldades com a minha mulher em relação à educação dos nossos filhos, no trabalho, a continuação da crise pandémica com as consequentes preocupações, afastaram-me do trabalho sistemático sobre a Escola de comunidade. Em pouco tempo (30 dias), vi o meu olhar, a minha vontade de procurar os Seus sinais, diminuir tão rapidamente que era muito fácil perceber. Entre os muitos sinais, o mais óbvio era que, diante dos meus clientes que se queixam da crise, do governo, etc ... eu tinha-me tornado uma caixa de ressonância desses queixumes. Resumindo: no fim, como em qualquer experiência humana, o que importa é trabalhar, dedicar tempo e espaço. Sem trabalhar a Escola de Comunidade, acontece uma coisa muito simples: invertemos o método com que Ele nos encontra. Em vez de estarmos atentos

para nos surpreender com o que Ele nos quer dar através da realidade, procuro lê-la a partir de minha ideia, se calhar queixando-me até de que Ele já não acontece.

Veem? Olhando para nós em ação, a necessidade emerge imediatamente na nossa consciência; de facto, comparando-nos com aqueles com quem convivemos, damos por nós a queixar-nos como eles. Foi a partir desta constatação que tomaste consciência do valor de um lugar como este, no qual o Mistério nos inseriu: o contributo fundamental que nos dá é lembrar-nos o método. Como disseste, muitas vezes invertemos o método. Precisamos de trabalhar sobre isto, senão podemos ler - como dizia a primeira intervenção - uma coisa, mas depois verificar outra. Porquê? Porque somos tão frágeis que só se levarmos pessoalmente este trabalho a sério poderemos torná-lo nosso. O carisma, isto é, a graça pela qual o mistério nos introduziu na relação com Cristo, é fundamentalmente um método. Portanto, o trabalho é consciencializarmo-nos da modalidade através da qual podemos não cair no queixume. E quando alguém começa a trabalhar sobre isto, imediatamente percebe onde experimenta esta chamada de atenção para o método.

Nestes últimos meses, retomei mais seriamente o trabalho da Escola de comunidade. Isto aconteceu graças ao convite de um amigo que tinha começado um grupo de Escola de comunidade com outros três amigos. A vida tem sido difícil para cada um de nós e todos, por um motivo ou outro, tínhamos deixado um pouco de parte o trabalho pessoal sobre a Escola de comunidade. Somos amigos desde o tempo da universidade e nunca deixámos de nos ver. A beleza deste grupo de Escola de comunidade está no facto de que cada um faz um trabalho sério e pessoal e isto está a dar uma nova vida a esta amizade. Somos todos bastante "coitados", cada um com os seus problemas. Toda a dramaticidade das nossas vidas inunda a Escola de comunidade e não nos deixamos tranquilizar, evitando o mais possível tornarmo-nos num grupo de consolações ou de nostalgia. Há um segundo facto que te queria contar. Nestes dias, depois de uma consulta, soube que a minha doença progrediu um pouco e fiquei triste, perguntava a mim mesmo "Porque é que estou tão agarrado à vida, àquilo que vivo, àquilo que tenho (uma família formidável)?" Afinal, o que é que não quero perder? Ao ler a Escola de comunidade, chego ao último parágrafo: "Um Acontecimento gera continuamente um vínculo, uma pertença, um modo de vida diferente, uma moralidade nova, uma perfeição da qual vem o fruto que colabora no jardim terrestre, no paraíso terrestre. Assim, temos a nossa parte na implementação do plano de Deus, na explosão da glória humana de Cristo na história." (p. 116). Um Acontecimento marcou a minha vida e continua a marcá-la. Isto liga-me ao meu quotidiano e dá uma tal intensidade à minha vida que a torna mais desejável de ser vivida. Isto, não quero perdê-lo por nada.

Por um motivo ou por outro, a tua vida e a dos teus amigos aperta, mas vocês não largaram o trabalho de que falávamos antes. A dramaticidade da vida a que o Mistério não nos poupa ajuda-nos a descobrir o valor daquilo que nos dá. Quem tinha uma doença, ao conhecer Jesus, compreendia que o dom da Sua presença era a resposta a essa necessidade. Da mesma forma, o drama destes meses fez-te descobrir como a sua graça vale mais do que a vida, e por isso fez-te perceber que Cristo veio para responder à tua necessidade, e que "Deus revela-Se à sua criatura [...] em termos humanamente compreensíveis" (p. 107), num lugar, numa morada.

Peço-te uma ajuda para viver uma passagem no ponto 8 que eu intuo que é importante. O texto diz: "Uma morada é como que a coagulação da companhia, da comunidade, da caridade, numa dimensão real, quotidiana, do espaço." (p.108) e "Esta morada pode ser de dois tipos" (p.109) Parece-me que falar apenas de dois tipos de morada é restritivo. O horizonte que experimento na companhia feita de alguns rostos é determinante para viver a família. Para mim, dentro daqueles rostos, que são como um lugar e uma morada, está uma Presença que dá a vida e a respiração a cada coisa, que vem antes até da família, no sentido em que dependo deles para viver uma abertura a toda a realidade e, portanto, também à família. Ver, algumas vezes, companhia e família vividas como "bolhas" de protecção de tudo, não me fascina. Então pergunto-te: qual é a relação entre a companhia dada por alguns rostos e a família entendida como morada? Agradeço-te o trabalho que estamos a fazer.

O que tu dizes é estupendo. É restritivo falar de apenas dois tipos de morada - a família e o mosteiro - se desligarmos o ponto da família e do mosteiro do que lemos nas páginas anteriores sobre o encontro, a companhia, a Igreja, o Batismo. Tudo isto deve ser retomado para colocar no lugar certo a questão que tu colocaste e que se tornará clara à luz do ponto dedicado ao carisma, sobre o qual trabalharemos nas próximas semanas. Porque a família, como diz a Escola de Comunidade, é o "sinal original [...] decisivo como instrumento para nos introduzir na relação definitiva com o destino"; portanto, "o encontro de um homem e uma mulher não pode ser definido pelo propósito exclusivo de ter filhos, mas acima de tudo de ser companhia para o Destino" (pp. 109-110). Quando um homem se apaixona, reconhece a mulher - e vice-versa - como a presença mais estimada que o abre à totalidade: "Cada um identifica no outro o sinal da relação com o todo [...] dado por Deus para a sua vida" (p.p. 109-110)) Mas para poder vivê-lo, como tu disseste, é necessário ter presente a grande morada que é a Igreja e nela aquela morada que o Espírito Santo fixou para cada um de nós que é o carisma. É por isso que percebo bem a tua pergunta.

Então, qual é a relação entre a companhia e a família?

Há problemas de conexão com o amigo que iria intervir, por isso leio a contribuição que ele enviou e que nos ajuda a aprofundar a questão:

«Nas últimas semanas depois de me encontrar com amigos para retomar a Escola de comunidade, aconteceu (como não me acontecia há muito tempo com esta intensidade!!!) ter uma particular vontade e desejo de trabalhar sobre a Escola de comunidade, de tal maneira que voltei a ela muitas com a minha mulher, com espanto e com gosto. Em particular, detive-me sobre o que é indicado ser aquele "tipo de morada" que pode ser a família ou o mosteiro. Lendo aquilo que don Giussani diz que deveria ser uma família, "...o espaço onde o relacionamento com Cristo é fixado em todas as nossas ações[...]e, portanto, nos torna construtores de uma realidade nova," (p.115), refletia sobre o facto de que, pelo contrário, tantas vezes acontecem situações em que se pode dizer que ela é tudo, menos aquilo que está descrito. Esta distância que via entre o texto e a experiência obrigou-me a voltar a perguntar-me o que é para mim hoje esta morada e se é mesmo aquele lugar em que "uma pessoa vê na outra o mistério de Cristo presente como rosto" e onde se aprende "com as próprias dificuldades do relacionamento [...], a ver no outro o mistério de Cristo." (pp. 113-114). Tornando a fazer-me esta pergunta fui inevitavelmente forçado a voltar ao facto de que falei no início, ao espanto de ter vontade de fazer Escola de comunidade, de aproveitar os momentos, as situações, os amigos e aproveitar uma história que foi para mim como o leito de um rio que me conduziu até aqui. Diz-me se estou enganado, mas, para mim, parece-me perceber que, estendendo aquilo que o capítulo diz, a morada é mais do que a família ou do que o convento ou de que o mosteiro ou do que a casa: a morada é como a história inteira em que o Mistério me colocou quando, há alguns anos, me fez encontrar o movimento»

Portanto, pode ser restritivo falar de família se o desligarmos de todo o contexto em que a Escola de Comunidade insere aquele ponto. Como já referi, veremos isto com ainda maior clareza na próxima vez, quando abordarmos o ponto 9 sobre o carisma. É interessante ver emergir, a partir da experiência, como está a acontecer hoje, porque é que nos foi dado o movimento para viver a família.

O ponto sobre a família impressionou-me imenso porque reconheci cada palavra como verdadeira. Quando me casei tinha o desejo e pensava que sabia o que era casar com a consciência de um significado maior, de seguir a estrada feita por Outro. Mas percebi ao longo dos anos (estou casada há 18) que tinha uma ideia minha, um projeto meu sobre o que queria dizer construir uma família. Quanto mais os anos passavam, mais tudo se tornava demasiado pouco. Tudo me parecia cada vez mais objeção. Por graça tive sempre grandes amigos que me ajudaram a levantar o olhar e a não me deter; e sobretudo graças ao trabalho da Escola de comunidade, aos poucos tudo mudou. Agora tomei consciência de que as palavras da Escola de comunidade sobre a família são carne viva para mim, ou seja, são mesmo verdadeiras. Percebo que aquilo que há pouco tempo era objeção, agora é a minha possibilidade de caminho. Então, o meu marido que não é como eu gostaria é o gargalo para ir mais ao fundo do verdadeiro significado. Neste olhar de reconhecimento tudo floresce. Se

não tivesse encontrado esta companhia, não sei se estaria ainda casada, no sentido de que tudo teria sido uma objeção e, portanto, talvez tivesse largado antes. Mas agora consigo olhar o meu marido e os meus filhos reconhecendo sempre um bem, porque reconheço Jesus neles e não me detenho no imediato, dizendo: "se o meu marido fosse diferente..." ; "se os meus filhos fossem diferentes..." ; Se as circunstâncias fossem diferentes..." Portanto posso dizer realmente que a realidade é perfeita assim como é porque é a estrada para O reconhecer, para reconhecer Jesus. Por isso, obrigado por este trabalho que nos fazes fazer.

É estupendo que cada um de nós possa reconhecer a partir da experiência quantas vezes nos desviamos para fazer um projeto que depois se torna demasiado pouco. Em vez disso, ao participar num espaço maior onde o Mistério nos inseriu, vivendo nesta companhia maior, as coisas começam a tornar-se carne viva - dizias -, e o que era uma objeção torna-se a possibilidade de um caminho. Nada nos é poupado, mas tudo se torna mais para nós. Com o tempo que passa, a objeção torna-se uma possibilidade e, dentro deste novo olhar, tudo floresce. Tudo floresce mesmo, até à gratuidade?

Gostei de ouvir o que disse a amiga que acaba de intervir, porque começou a dar-me uma hipótese de resposta.

Perfeito!

Há um ponto que me custou muito e me fez questionar muito. Queria perguntar-te se poderias ajudar-me a perceber melhor o que Giussani escreve na página 111 do livro. O que é que quer dizer "gratuidade", o que é que significa que eu posso estar diante da traição do outro, do limite do outro? Lia estas páginas pensando nos meus limites, pensando na separação dos meus pais, e vinha-me a urgência de uma resposta à pergunta: "Mas será que uma pessoa pode realmente estar totalmente diante do limite do outro? Do erro do outro?" Porque se não fosse assim no final seria verdadeiramente um esforço para quem tem mais capacidade de resistir, para encontrar a mulher que mais te deixa calmo e sereno.

Vamos ver se alguém te responde com a sua experiência.

No meu grupo de Escola de Comunidade, na sexta-feira passada, demorámo-nos nesta frase do ponto 8: "Aprende-se com as próprias dificuldades do relacionamento – iluminadas pelo juízo da sua presença – a ver no outro o mistério de Cristo". (pp.113-114) Pareceu-me entender o seu alcance, mas só ficou claro depois do que aconteceu no fim-de-semana. Nessa noite eu e o meu marido tivemos uma discussão e eu fui dormir zangada. O perdão não passava de uma lembrança distante e eu sentia-me incapaz de tudo. O dia seguinte foi um dos piores dos últimos meses, porque me parecia que se tinha esgotado a esperança de resolver o problema. Passei a manhã de sábado a tratar de coisas sozinha, queria isolar-me do mundo e não ver ninguém. Quando voltei para casa, estava convencida de que ia encontrar o meu marido numa posição igual à minha, mas não, ele tinha dado a volta. Ao contrário do que eu esperava, não estava agarrado à discussão da véspera e isso fulminou-me. Olhei para ele e percebi o que Jesus me estava a dizer. Diante da minha falta de força para enfrentar a situação, estava mesmo a dizer-me: "olha que a relação com o teu marido, sou eu que a faço, pára de sentir que tens o mundo todo às costas e deixa-me fazer eu". Ou seja, a relação com o meu marido, mesmo na dificuldade, foi um sinal verdadeiro do mistério de Cristo na minha vida, que me fez recomeçar com uma esperança que há muito tempo que não tinha. Obrigada.

Veem? É possível. Não com a tua energia, não com a tua capacidade. Por isso começámos a Escola de comunidade lembrando como o Mistério nos introduziu, nos inseriu num lugar que torna possível o que nos parecia impossível, como acabaste de contar. Se nos deixarmos levar pela Sua presença, aos poucos, como já dissemos, o que era uma objeção torna-se uma possibilidade, segundo um projeto que não é o nosso. Às vezes, gostaríamos que certas coisas fossem resolvidas mais rapidamente, muitas vezes queremos determinar nós o momento de uma mudança; pelo contrário, só quem tiver a paciência de dar tempo ao Mistério para trabalhar, num lugar como o nosso, poderá ver florescer aquela gratuidade que nos parece impossível. Porque é impossível, amigos, se não somos "levados" à gratuidade pelo Mistério. É por isso que me surpreende sempre o que diz don Giussani quando fala

de caridade. Pensamos que é "coisa nossa", uma coisa que podemos viver gerando-a nós mesmos, enquanto ele parte da iniciativa do Mistério: "Eu amei-te com um amor eterno e tive piedade do teu nada" (cf. Jr 31, 3). A caridade é antes de mais iniciativa de Outro, como vimos desde o início. E só se a experimentamos neste lugar, onde Cristo nos inseriu, a certa altura, "sob a pressão de uma comoção" (L. Giussani, *É possível viver assim?, vol. III, Caridade*, Edições Tenacitas, Coimbra 2010, p. 34) por termos sido tratados por Ele com caridade ("Deus comoveu-se com o nosso nada. E não só, Deus comoveu-se com a nossa traição, com a nossa pobreza crua, esquecida e traidora, com a nossa mesquinhez"; *É possível viver assim?, vol. III, Caridade*, op. cit., p. 25), podemos também nós tornar-nos capazes de gratuidade. É impossível sermos gratuitos sozinhos – têm perfeitamente razão -; só poderemos tornar-nos cada vez mais capazes desta gratuidade pela gratidão que transborda em nós por aquilo que recebemos de Cristo neste lugar. E seremos os primeiros a ficar estupefactos porque, como hoje ouvimos, o que não esperávamos tornou-se possível: quase emergindo da gratuidade em que está imerso, a sua atitude surpreendeu-te, a tal ponto que regenerou a vossa relação e o vosso casamento. Mas tantas vezes temos pressa que as coisas aconteçam de acordo com os tempos que determinamos nós, e em consequência o método de Deus põe-nos nervosos porque é demasiado submisso, demasiado respeitador do nosso caminho humano, da nossa liberdade. A questão é que este é o método mais adequado para nós, porque se tivéssemos nós de cumprir determinadas condições, ninguém conseguiria! É por isso que não podemos pedir aos outros o que não podemos realizar. Portanto, só se aceitarmos o método de Deus seremos capazes de ver acontecer a gratuidade, de outra forma impossível, nas relações. Porque "tudo parte dum Acontecimento, do acontecer, e que "o perfume da pertença" nasce da permanência na "ligação essencial" ", como dizia a segunda intervenção desta noite: ela queria que isto se tornasse seu, para chegar ali, àquela gratuidade de que tu falas. Se tivermos paciência, a pouco e pouco lá chegaremos, graças a Ele que nos introduz a esta experiência: "Na casa, na família, entre aqueles amigos, encontra-se constantemente [não só os nossos limites, que todos sabemos enumerar bem] o Acontecimento daquela Presença que, se for reconhecida, muda o olhar [como mudou o olhar do teu marido] e o sentimento de si e de todas as coisas. Na casa, uma pessoa vê na outra o mistério de Cristo presente como rosto. Aprende-se, com as próprias dificuldades do relacionamento - iluminadas pelo juízo da sua presença - a ver o mistério de Cristo." (pp. 113-114). Por isso, é decisivo se nós, pelo que nos aconteceu na nossa vida, damos espaço à promessa que nos alcançou quando encontramos Cristo numa realidade viva como o Movimento, para que possa chegar a cumprir o desejo que temos de viver e ver o mistério de Cristo nas relações entre nós e na família. Esta é a grande promessa que Cristo nos faz e continua a fazer, como o documentam tantos dos testemunhos que ouvimos constantemente cada vez que fazemos gestos como este.

Escola de comunidade. A próxima Escola de comunidade por ligação vídeo terá lugar quarta-feira 24 de fevereiro, às 21.00h.

Este mês trabalharemos o ponto 9 do segundo capítulo do *Gerar Rasto na história do mundo*, com o título: «A modalidade persuasiva com que o Espírito Santo intervém na história: o carisma».

Livro do mês. O livro do mês para fevereiro e março é: *Deserto. Il romanzo di Mosè*, de Jan Dobraczyński, Morcelliana.

A leitura deste livro vai acompanhar-nos no tempo da Quaresma, ajudando-nos a penetrar na profundidade da palavra "eleição" que estudámos na Escola de Comunidade.

Encontro sobre a educação. Por iniciativa de alguns amigos professores, no sábado, 30 de janeiro, pelas 21h00, terá lugar um encontro público *online* intitulado: "*Educação, comunicação de si próprio. Crescer e fazer crescer em tempos de pandemia*". Será um diálogo comigo sobre as muitas provocações que estão a surgir neste momento a partir da situação do ensino e não só. Como dissemos na Escola de comunidade anterior, a emergência educativa diz respeito a todos, não apenas aos

"peritos". Somos, portanto, todos convidados a participar e divulgar o convite a todos os que possam estar interessados. O encontro será transmitido em direto no canal do CL no YouTube, precisamente para garantir a maior divulgação possível. A partir de amanhã estará disponível no site o *flyer* para poder fazer o *download* e divulgar também através das redes sociais.

Exercícios da Fraternidade 2021. Os Exercícios da Fraternidade terão lugar de 16 a 18 de abril, por ligação vídeo. Este ano não haverá os Exercícios dos trabalhadores, que normalmente aconteciam depois dos da Fraternidade. Dada a situação de exceção, será dada a possibilidade aos inscritos na Fraternidade de convidar amigos não inscritos para os Exercícios.

Nas próximas semanas, serão enviadas informações sobre como se inscrever e participar no gesto, tanto para Itália como para os outros países.

O Dia de Recolha de Medicamentos 2021 promovido pelo Banco Farmacêutico decorrerá de terça-feira 9 a segunda-feira 15 de fevereiro.

Convido todos a participarem, em primeiro lugar oferecendo um medicamento nas farmácias participantes e depois dando a vossa disponibilidade para fazer os turnos como voluntários, da forma que for indicada. Destaco em particular a necessidade de voluntários para sábado, 13 de fevereiro. Para qualquer informação, entrem em contacto com o responsável do Banco Farmacêutico da vossa comunidade, ou consultem o site www.bancofarmaceutico.org.

Missa de aniversário de don Giussani e da Fraternidade. Como já foi comunicado através dos secretariados locais, este ano cada comunidade avaliará se e como propor a Missa com base nas normas anti-Covid em vigor, de acordo com o respetivo Bispo e observando sempre a máxima prudência.

Oferecemos o que podemos ou não podemos organizar como nosso agradecimento e pedido pessoal ao Mistério, para que a *impossível correspondência* que nos aconteceu e nos acontece no encontro com o Movimento nos encontre sempre maravilhados e felizes, de forma que possa crescer a nossa fidelidade ao carisma.

Veni Sancte Spiritus.

Boa noite a todos!